Cadernos Macambira
V. 6, Nº 1, 2021. Página ***138*** *de* ***369. ISSN 2525-6580***
Anais **IV Seminário Diversidade e Respeito às Diferenças – IV SEDIRD e I Encontro do Grupo de Pesquisa em Educação Especial na perspectiva da Inclusão Escolar**. 06 a 08 de outubro de 2020. Serrinha, BA, Laboratório de Políticas Públicas, Ruralidades e Desenvolvimento Territorial – LaPPRuDes.
http://revista.lapprudes.net/

Eixo 6: Educação Formal e Informal de Estudantes com Transtorno do Espectro Autista

INCLUSÃO: O BEM QUE VAI ALÉM DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA

Janaína Gonçalves de Souza Alves – UNESP
Andréa Rizzo dos Santos – UNESP
Autora correspondente: jgs.alves@unesp.br

RESUMO: A Educação é um direito constituído por lei. Contudo o que ocorre muitas vezes é uma garantia da matrícula, mas uma negligência quanto ao ensino com qualidade. Este aspecto pode acontecer por falta de conhecimento dos docentes sobre metodologias eficazes no trabalho com o aluno que apresenta alguma deficiência. Pesquisas têm demonstrado que é possível garantir o direito à Educação aos alunos Público Alvo da Educação Especial (PAEE). Neste trabalho será apresentado um relato de experiência de uma prática pedagógica com um aluno com Transtorno do Espectro Autista (TEA) moderado em uma escola de Educação Infantil em uma cidade do interior do Estado de São Paulo. A Educação Infantil é um segmento de extrema importância para o aluno e sua família, pois é o momento em que ocorre o diagnóstico, muitas vezes sendo os primeiros sinais atípicos observados na instituição escolar. Além disso, é necessário empatia da equipe escolar para apoiar a família e mostrar as potencialidades que poderão ser desenvolvidas na criança. Para que a inclusão ocorra de forma efetiva é preciso que haja parceria entre a escola e a família. A experiência referida pode contar com o apoio familiar desde o início, já que a professora demonstrou conhecimento sobre as formas adequadas de ensino à alunos com TEA e apresentou aos pais as potencialidades que poderiam ser desenvolvidas ao longo do ano letivo. Desta forma, foi estabelecido o sentimento de confiança da família ao trabalho escolar. No início do ano letivo o aluno apresentou comportamentos negativos, pois não tinha tolerância e nem compreensão das funcionalidades das atividades que lhe eram oferecidas. Sendo assim, os objetivos deste trabalho são: demonstrar que a inclusão é benéfica tanto para o aluno com deficiência como para os demais alunos e comunidade; relatar a importância do acolhimento, pois quando o aluno se sente como parte do grupo em que convive, o processo de aprendizagem é facilitado e ocorre de forma prazerosa; enfatizar a importância do Programa TEACCH® para aprendizagem dos alunos com TEA. As práticas pedagógicas apresentadas foram pautadas no Programa TEACCH®, respeitando a individualidade, preferências e habilidades do aluno, bem como atividades estruturadas e utilização de recursos visuais como facilitadores de sua compreensão. Além das atividades estruturadas, foram oferecidas vivências interativas e lúdicas através de um projeto intitulado como "Inclusão: uma aprendizagem para a vida". Neste projeto foram trabalhados aspectos relacionados à diferença e o respeito ao diferente. Desta forma, todos os alunos, comunidade escolar e sociedade em geral puderam ser beneficiados. Os resultados dessas experiências foram positivos, visto que no decorrer do ano letivo a tolerância com relação às atividades aumentou, houve aprendizagem efetiva das habilidades trabalhadas e inclusive de conteúdos além dos objetivos referentes à Educação Infantil, sendo que a partir da percepção docente de suas habilidades, foram oferecidos estímulos suplementares à sua aprendizagem. Em virtude da experiência apresentada, conclui-se que é possível que a inclusão ocorra de forma efetiva, sendo ela benéfica tanto para o aluno incluído como para os colegas e sociedade no geral, já que os alunos que interagem na escola poderão reproduzir suas habilidades na comunidade a que pertencem. Quanto a aprendizagem do aluno, ocorreu além das expectativas iniciais, mostrando que independente das primeiras avaliações, o progresso ocorre quando a prática pedagógica é pautada em metodologias com resultados comprovados cientificamente. Além disso, o aprender é um processo que depende da forma como é conduzido, já que não há ensino se não houver aprendizagem. Sendo assim, o professor deve planejar, avaliar e replanejar, pois o planejamento não é estático, mas flexível conforme as avaliações e realidades observadas. Desta forma, é importante que o aluno não seja subestimado, independentemente de sua dificuldade inicial, mas a partir delas, sejam planejados desafios para que as barreiras sejam superadas e os objetivos alcançados. Para que o trabalho desenvolvido tivesse resultado, contou com a participação de todos os alunos da classe, tornando a inclusão um processo prazeroso e de aprendizagem de habilidades que os alunos puderam levar para a vida.

Palavra-chave: Transtorno do Espectro Autista. Educação Infantil. Inclusão.

INTRODUÇÃO

Segundo a Constituição Federal (BRASIL, 1988) em seu artigo 205, a Educação é um direito de todos e dever do Estado e da família. A inclusão escolar é uma realidade cujo crescimento é inegável. Desta forma, os profissionais da Educação devem ter em mente que incluir um aluno com deficiência na escola, não é apenas aceitar a sua matrícula, mas prover de condições físicas e pedagógicas para o acesso, permanência e aprendizagem deste aluno. Este trabalho visa apresentar uma prática pedagógica com um aluno de 5 anos com diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista (TEA) moderado. O TEA é classificado tal qual no aponta Scwartzman (2015) como um transtorno neurobiológico, cujas características diagnósticas devem aparecer antes dos três anos de idade. Estas características, segundo o DSM V (Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders, fifth edition APA, 2014) são dificuldades na comunicação e interação social em diferentes contextos, bem como padrões repetitivos e restritos de comportamento. Este mesmo manual aponta que o TEA é subdividido em níveis, sendo eles: leve, moderado e severo. Esta subdivisão não tem como objetivo minimizar o transtorno, mas classificar o quanto a pessoa acometida por ele necessita de apoio na realização de suas atividades. Há alguns especificadores que também devem ser avaliados:

- Com ou sem comprometimento intelectual concomitante.
- Com ou sem comprometimento da linguagem concomitante
- Associado a alguma condição médica ou genética conhecida ou a fator ambiental.
- Associado a outro transtorno do neurodesenvolvimento, mental ou comportamental.

Com catatonia (DSM V, 2014 p.51).

Apesar de inúmeros estudos a respeito dos exames de imagens poderem detectar o TEA, o diagnóstico ainda é clínico e muitos exames são realizados para descartar outras deficiências, síndromes ou transtornos.

É imprescindível que o professor conheça as características de seu aluno, suas habilidades e dificuldades. Quando a criança tem alguma deficiência, essa necessidade é ainda maior, pois é através deste conhecimento que o professor poderá elaborar seu planejamento e direcionar seu olhar interventivo e avaliativo. Nos casos de TEA, pesquisas apontam o programa TEACCH® (Tratamento e Educação para Autistas e Crianças com Déficits Relacionadas com a Comunicação - SCHOPLER, 1997) como um modelo de intervenção que apresenta resultados significativos. Segundo Schopler (1997 *apud* Giardinetto, 2005) O Programa TEACCH® foi desenvolvido na Universidade da Carolina do Norte após pesquisadores discordarem de estudos realizados na época, em que apontavam a etiologia do autismo como sendo originada pela falta de afeto e hostilidade parental. Estes estudiosos acreditavam que o autismo tinha causa genética. Atualmente, Scwartzman (2011) ressalta que o Transtorno possui causa multifatorial, podendo ser consideradas as etiologias genética e

ambiental. Atualmente o TEACCH® recebe o ® ao final de sua sigla por se tratar de uma marca registrada pertencente a Universidade da Carolina do Norte.

Para Fonseca e Ciola (2016), o Programa TEACCH®, auxilia indivíduos de todas as idades e consiste em formas de orientação visual que utiliza materiais estruturados para a intervenção escolar ou terapêutica, cujo objetivo é aprimorar a linguagem, a aprendizagem de conceitos e a mudança de comportamento. As autoras abordam a importância da avaliação individualizada, e a contextualização do que é necessário ensinar com o que a criança deve aprender na sua fase do desenvolvimento. Ressaltam ainda que o Ensino estruturado ajuda a pessoa com TEA a ter organização e previsibilidade. O TEACCH® apresenta níveis de tarefas. Desta forma, há a possibilidade de trabalhar com a inclusão a partir da adequação das atividades de acordo com o estilo cognitivo do aluno.

Muitas vezes, o aluno com TEA apresenta comportamento negativo que atrapalha seu rendimento escolar, desta forma, tal qual nos aponta Bosa (2013), primeiramente é necessário compreender e ajustar tais comportamentos para posteriormente obter sucesso na aprendizagem.

A partir dos pressupostos citados acima, a prática pedagógica utilizada com este aluno foi baseada no Programa TEACCH®. O objetivo principal durante toda a prática aqui mencionada era incluir este aluno ao contexto de aprendizagem e interação junto aos colegas. É com grande satisfação que apresento os resultados deste trabalho, enfatizando que apesar de o desafio ser grande, é possível garantir o direito à aprendizagem dos alunos com TEA em escolas de ensino regular.

CONTEXTUALIZAÇÃO

A escola em que esta prática foi realizada é uma instituição municipal de uma cidade do interior do Estado de São Paulo que atende alunos de 0 a 5 anos. Os alunos atendidos são provenientes de vários bairros da cidade, desta forma, as classes econômicas e características familiares são variadas.

A criança era única filha e teve um histórico na instituição escolar marcada por difícil adaptação. Foi matriculado aos três anos de idade a pedido da médica neuropediatra para estimulação da fala. Nesta época não tinha o diagnóstico, mas estava em investigação médica. No início foi uma fase difícil, visto que havia a negação da possibilidade do diagnóstico por parte dos pais, comportamento natural, já que tal qual nos apontam Maia et al (2016), os pais de crianças com deficiência passam por etapas de luto do filho idealizado. Segundo os autores,

> O estágio inicial de luto é de choque, acompanhado de choro, manifestando sentimentos de desamparo e ânsia por fugir; no segundo estágio, há descrença e negação da situação; no terceiro, há tristeza e ansiedade manifestada por muito choro e raiva; no quarto, há o equilíbrio, caracterizado pela admissão de que a condição existe; por último, o estágio de reorganização, mediante reintegração e reconhecimento familiar desse filho. (MAIA ET AL, 2016. P. 228)

Não é possível saber a duração do luto, já que depende da forma como é vivenciado por cada indivíduo. Há pessoas que passam rapidamente por cada estágio e há aquelas que demoram, necessitando de auxílio psicológico. Sendo assim, a escola precisava trabalhar com respeito e cuidado.

No Maternal II o menino tirava a roupa, gritava, chutava a porta e não aceitava entrar na sala de aula. No Jardim I houve o fechamento do diagnóstico médico e os pais começaram a buscar auxílio terapêutico (Fonoaudiológico, psicológico e terapia ocupacional). Com isso, houve melhora em relação a sua aceitação à sala de aula, mas ainda não aceitava a realização das atividades. No Jardim II, época em que será relatada, a professora já sabendo que ele aceitava entrar na sala de aula por um período curto de tempo, não tinha tolerância para as atividades propostas e apresentava muita resistência para tudo o que lhe era proposto, não participava das situações de brincadeiras nem dos momentos do lanche, antes mesmo do início do ano letivo já traçou uma meta: incluir este aluno de forma adequada às suas necessidades.

No início do ano, os alunos se esquivavam do colega com TEA e tapavam os ouvidos cada vez que presenciavam uma crise. Foi preciso mostrar a todos os alunos, pais e comunidade escolar a importância da Inclusão, bem como as infinitas possibilidades de aprendizagem que os alunos com deficiência possuem. Ao receber um aluno com deficiência, todo professor pensa em como trabalhar aspectos inerentes à sua aprendizagem. Podemos pensar que a inclusão não beneficia somente a pessoa incluída, mas os demais alunos, a comunidade escolar e a sociedade como um todo, pois ensina a olhar para as potencialidades, e não somente para as limitações. Pensando nos aspectos citados acima, , foi elaborado um projeto que atendesse a necessidade dos alunos em perceber o outro como diferente e aprender a incluí-lo, mesmo com alguma limitação, percebendo assim suas qualidades e aprendendo a interagir e a acolher o que lhe era distinto, pois “uma escola que deixa emergir a diferença, é, portanto, aquela que desconstrói as fixações e permite que a cultura apareça como prática de dar sentido ao mundo (MISKOLCI 2010 p.35)”. Além disso, sempre vemos trabalhos relacionados à inclusão de uma pessoa na escola. Neste ano foi trabalhado a inclusão da escola na vida da criança, pois são as metodologias escolares que devem se adaptar para que o aluno aprenda e interaja com os demais. Verificando a importância deste trabalho, o projeto foi concretizado com êxito e apoio dos familiares dos alunos envolvidos, sempre priorizando a ética profissional e acolhendo os anseios familiares devido à ausência de comunicação por alguma dificuldade da criança. Este projeto procurou não expor a criança, mas trabalhou as diferenças de uma forma geral. Contudo, foi de grande relevância para a percepção de todos os envolvidos de que a diferença não nos faz desigual. Esta experiência será descrita abaixo, pois foi importante para o processo de aprendizagem do aluno aqui relatado e para o aprendizado de valores morais de todos.

DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

Antes do início das aulas, houve uma reunião com os pais do aluno para conhecer sua individualidade. Este momento foi essencial para estabelecer uma parceria com a família, além de colher informações sobre: aspectos sensoriais, hiperfoco, gostos pessoais e terapias que estavam sendo realizadas e estabelecer parceria com as terapeutas. Sabe-se que o contato

inicial com os pais é importante, pois traz a possibilidade de levantamento de dados a respeito da individualidade do aluno. Nesta entrevista inicial foi abordado pelos pais que o aluno estava começando a falar e que sua fala era na maioria das vezes com ecolalia, ou seja, sem função comunicativa. Não aceitava a comunicação na língua portuguesa, sendo que sua fala, na maioria das vezes era na língua inglesa. Tinha restrição alimentar e na escola nunca aceitou acompanhar seus colegas nos momentos de lanche. Algo que entristecia os pais era o fato de nunca ter recebido atividades realizadas pelo filho. A criança tinha hiperfoco em meios de transporte, informação essencial, pois pode ser um facilitador para a realização do trabalho pelo fato da professora poder utilizar disso como aspecto motivacional para a realização das intervenções.

No início do ano letivo, antes mesmo das intervenções, assim como com todos os outros alunos, foi realizada uma avaliação diagnóstica para compreender as facilidades e dificuldades. Foi observado que a criança apresentava comportamentos hipercinético, baixa tolerância a frustração e dificuldade em aceitar sua entrada na sala de aula e realização das atividades propostas. Apesar disso, era uma criança que já sabia as letras do alfabeto e os números, porém só havia memorizado, não compreendendo suas funções. Falava em inglês e não aceitava a fala da professora em alguns momentos devido a língua falada, sendo percebido isso pois quando a professora falava na língua inglesa havia mudança em seu comportamento, demonstrando aceitação. Não sabia a grafia de seu nome, nem o reconhecia. Não participava das brincadeiras e nem do lanche. Sempre se jogava no chão e gritava. Desta forma, houve um grande desafio, mas que ao final foi gratificante devido aos resultados positivos.

Ao pensar no auxílio à aprendizagem deste aluno, primeiramente era necessário melhorar seu comportamento negativo e sua baixa tolerância à sala de aula e às atividades. Sendo assim, foi realizada análise funcional de seus comportamentos, para compreender a função daquelas atitudes negativas e ao mesmo tempo iniciar o trabalho com rotina e atividades estruturadas que tivessem foco em personagens e materiais que a criança gostava. A análise funcional é usada na psicologia para avaliar comportamentos. Para Matos (1999) ela visa observar aspectos ambientais que possam interferir no comportamento de forma positiva ou negativa. A partir da análise da função deste comportamento em determinado ambiente. Para a autora, esta análise permite um melhor planejamento para intervenções eficazes com o objetivo de manter, substituir ou extinguir comportamentos. Esta análise respeita algumas fases, sendo elas: identificação do comportamento de interesse, frequência da ocorrência, ambiente em que ocorre, situação antecedente e subsequente, qual a consequência deste comportamento. A autora, assim como outros pesquisadores da análise do comportamento orientam a descrever tais informações em um quadro durante alguns dias, para assim identificar a função do comportamento observado.

Através da análise funcional, pode-se observar momentos em que a criança apresentava comportamentos inadequados devido a troca de professores, outros em que a porta estava fechada e ele se sentia mais seguro com a porta aberta (isso no início do ano, até sentir segurança na sala de aula), mudança de atividade, quando tirava figuras da agenda, pois ficava ansioso, antes de atividades escritas, pois não gostava de escrever. Estas observações foram importantes para intervenções posteriores e melhora significativa no comportamento. Houve o aumento da tolerância na realização de atividades e permanência na sala de aula,

bem como diminuição de comportamentos de crise. Após um mês do início das aulas, o aluno começou a comer seu lanche no refeitório junto aos colegas.

Foi avaliado também, a forma com que o aluno se comunicava e compreendia as atividades, para verificar qual nível de trabalho ele estava, níveis estes apontados por Fonseca e Ciola (2016) como tendo o objetivo de orientar os professores na preparação dos materiais e ensino de habilidades. As autoras citam Clercq (2006) que aborda os níveis da seguinte forma:

NÍVEL I – Atividades iniciais: preparação e atividades motoras...fase de sensação. É utilizado material concreto em sua realização.

NÍVEL II- Habilidades adquiridas no nível I + exigências cognitivas, utilizando ainda elementos concretos – Aprende-se a função dos objetos.

NÍVEL III – Habilidades de planificação e início da função simbólica, categorização, discriminação de imagens, evocação de conceitos abstratos, combina objeto com imagens. – Fase da representação.

NÍVEL IV- Domina a leitura com significado – nível mais simbólico e cognitivo do desenvolvimento, em termos da classificação utilizada.

No início do ano, o aluno estava no nível III e ao final passou para o Nível IV. Após a identificação de seu nível e já sabendo que o aluno compreendia elementos planos e abstratos, foi confeccionado uma agenda que ficava ao lado do aluno. Assim como nos aponta Fonseca e Ciola (2016), muitas pessoas com TEA apresentam dificuldade na organização temporal e memória sequencial, o que se faz necessário que sua rotina seja estruturada de uma forma a antecipar os acontecimentos. A rotina auxilia a pessoa com TEA a ter sua ansiedade diminuída devido a antecipação dos acontecimentos, apresentando uma sequência lógica das atividades propostas. Este material foi feito com velcro que continha figuras e uma palavra que representava a atividade. A agenda ficava próximo à mesa do aluno e no início do ano, a cada atividade finalizada ele retirava a ficha, porém esta forma fazia com que sua ansiedade aumentasse, pois quanto menos figuras havia na rotina, mais compreendia que estava chegando o momento de ir para casa. Com este comportamento, foi necessário deixar todas as fichas e só retirava ao final. Isso fez com que sua tolerância às atividades aumentasse de forma significativa.

Foi observado também que o local que o aluno sentava tinha vários elementos que estimulavam sua distração, desta forma, foi necessário modificar para que sua atenção fosse melhorada durante as atividades.

As atividades eram feitas de forma que o aluno aprendesse o conteúdo da aula com auxílio de uma estrutura a qual diminuísse os estímulos visuais desnecessários e utilizasse figuras ou aspectos do seu interesse. Eram feitos planos individuais de aprendizagem para atender suas necessidades específicas.

Em consonância com a Base Nacional Comum Curricular, foi priorizado o trabalho com projetos educacionais que contemplavam os direitos de aprendizagem da Educação Infantil que são: conviver, brincar, participar, explorar, expressar-se e conhecer-se. Além dos projetos em comum com a Secretaria Municipal da Educação (Importância da água, dengue, Projeto

literário e datas comemorativas), foi realizado um projeto anual, visto a necessidade também de trabalhar a inclusão com os colegas e equipe escolar. Sabe-se que incluir não é trabalhar conteúdo paralelo com o aluno com deficiência, mas aspectos em comum com os demais alunos. Este projeto intitulado como "Inclusão: Uma aprendizagem para a vida" teve grande importância no trabalho de conscientização sobre a relevância da diferença para a sociedade, bem como do respeito a ela. No início do projeto, os alunos demonstraram saber o conceito de diferença, porém não demonstravam respeito ao diferente, apresentando comportamentos de esquiva e desconsideração às produções que não eram semelhantes às suas. Com o decorrer dos meses, as crianças aprenderam sobre sua importância, bem como de todos à sua volta. Houve a aprendizagem da relevância da diferença para a sociedade, permitindo aos alunos desconstruir alguns discursos homogeneizadores que estão na base dos preconceitos, tal qual nos ensina Miskolci (2010). As crianças foram adquirindo confiança em si mesmo, à medida que houve a descoberta de que cada um é único e se expressa de uma forma singular. Isso auxiliou nas formas de interação e expressão de todos, além de melhorar significativamente a segurança na elaboração das atividades regulares propostas. As trocas de experiência durante as rodas de conversa foram valiosas para a compreensão do outro. A partir do momento que a sala como um todo foi apreendendo tais conteúdos, começou a olhar o amigo como alguém que pode contribuir com suas alegrias, tristezas e aprendizagens. Desta forma, o aluno com Transtorno do Espectro Autista também foi se acalmando, à medida que os colegas o acolheram e respeitaram percebendo suas limitações, mas principalmente identificando suas potencialidades. Com isso, a entrada na sala de aula e nos demais espaços escolares ocorria com prazer, demonstrado através do sorriso e forma com que entrava na sala. No início do ano o aluno sempre entrava com um objeto (meio de transporte) trazido de casa. À medida que se sentiu como parte do ambiente, entrava correndo, sorrindo e já guardava com autonomia seu brinquedo o qual tinha hiperfoco, pois já sentia segurança no ambiente escolar.

Foram apresentados e utilizados vários jogos, brinquedos e objetos utilizados para acessibilidades de pessoas com deficiência. Desta forma, todos puderam compreender o porquê de o colega muitas vezes ter uma atividade com o mesmo conteúdo, mas de forma estruturada. Ao apresentar materiais utilizados por pessoas com deficiência para proporcionar a leitura, escrita, jogos, lazer, telefonemas, acessibilidade, as crianças demonstraram curiosidade e interesse, visto que sempre estão em contato com alguns destes objetos, porém não sabiam o significado e função. Neste momento, houve a aprendizagem de que todas as pessoas podem aprender e realizar atividades variadas se houver o respeito e proporcionar maneiras de acessibilidade. No último momento houve grande euforia por parte dos participantes do projeto, pois desejavam que os pais soubessem dos conteúdos apreendidos. Dessa forma, auxiliaram na elaboração de um folder o qual puderam levar aos pais e comunidade. Ao final, foi feito uma pesquisa com os pais a qual foi possível mensurar a valorização pelo conteúdo trabalhado.

Em virtude do projeto realizado, podemos dizer que foi um grande desafio, já que trabalhar com as diferenças é algo complexo devido aos conceitos pré-estabelecidos pela cultura familiar. Porém, algo de bom foi "plantado" em cada aluno e familiar. O presente projeto ensinou valores, que poderão ser levados por toda vida e contemplou os campos de experiência e habilidades inerentes à Educação Infantil de forma lúdica e prazerosa.

Durante o projeto, foi trabalhado a oralidade e o ingresso ao mundo da leitura e escrita. Contudo, foi percebido que o aluno demonstrou facilidade na compreensão destas atividades, pois eram utilizados figuras e jogos nas atividades que fossem familiares e funcionais a ele. Diante disso, as atividades eram significativas, o que facilitava a realização. Conforme verificava que as letras estavam presentes nas palavras as quais conhecia, foi compreendendo o sistema de escrita e logo pudemos iniciar o trabalho com as palavras, sendo que a melhora na organização e estruturação de suas atividades facilitou a compreensão e possibilitou uma aprendizagem rápida deste conteúdo. Primeiramente as atividades eram confeccionadas em estruturas com delimitação de espaço e velcros para que colocasse as fichas para emparelhar conforme os comandos. Após a sua compreensão, eram realizadas atividades de colagem em seu caderno, em seguida era feita atividade escrita. Quanto a matemática foi trabalhado quantidade, números, situação problema, adição e subtração simples. Estas atividades também ocorriam de forma estruturada. Somente adição, subtração e situação problema que eram utilizados materiais concretos, já que facilitava sua compreensão. Cabe ressaltar que todas estas atividades ocorriam em um contexto significativo através da utilização de projetos temáticos.

Durante o ano, o desempenho do aluno foi significativo, sendo percebido por toda comunidade escolar, bem como familiares do aluno, que davam feedback positivo à professora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em virtude da prática mencionada, pode-se concluir que o trabalho significativo com alunos com Transtorno do Espectro Autista depende de vários fatores, dentre eles, podemos dizer que o professor que está diante deste desafio precisa conhecer como se dá o desenvolvimento humano e a aprendizagem dentro da normalidade, bem como ter conhecimento sobre o Transtorno, para que saiba sobre aspectos relevantes sobre pessoas com TEA (comportamento, interação, modelos de ensino adequado à deficiência). Muitas vezes é preciso auxiliar o aluno na mudança de seus comportamentos para que a aprendizagem ocorra, já que muitos comportamentos inadequados fazem com que a atenção e tolerância do aluno atrapalhe o processo de ensino e aprendizagem. Para este auxílio, é importante realizar a análise funcional do comportamento inadequado do aluno, ou seja, identificar qual a função desta forma errada de se comportar. Para realizar esta análise, é importante observar e descrever por vários dias os comportamentos, dando ênfase as ocorrências anteriores a ele, as consequências e ações ambientais que podem servir como reforçadores, fazendo com que este comportamento seja mantido. Com estes conhecimentos, o professor necessita usar sua criatividade para contextualizar conhecimento teóricos com a prática baseada em aspectos do interesse do aluno. As atividades estruturadas possibilitam ao aluno com TEA antecipar suas ações, tendo uma previsibilidade do que precisa realizar e assim diminuir sua ansiedade, bem como saber a sequência de ações que precisa realizar para completar suas tarefas. A estrutura das atividades ajuda o aluno na sua organização e compreensão do que é para ser realizado, já que são pessoas que se beneficiam de pistas visuais.

Além disso, é importante salientar que a inclusão deve ocorrer como um todo, ou seja, o aluno não pode fazer atividades paralelas, mas participar dos momentos de interação e de atividades em comum, caso contrário temos um excluído dentro de um ambiente de inclusão. A partir do momento que os colegas aprenderam a conviver e a respeitar o outro como diferente, mas não menos importante, foi possível criar um espaço de convivência e aprendizagem mais harmonioso. Os colegas chamavam o aluno para brincar, o auxiliavam em suas atividades quando necessário e pediam para se sentar com ele, algo que não acontecia no início do ano.

Esta prática pedagógica foi um grande desafio para a professora, para os colegas, para o aluno e para os pais que se demonstraram presentes em todos os momentos, dando informações necessárias para que a escola pudesse realizar seu trabalho. Foram momentos de aprendizagem, criatividade, amor, empatia, compreensão. São resultados como estes, que mesmo diante de dificuldades, nos mostram que é possível, quando há busca, quando não ocorre a estagnação, quando há parceria entre a escola e a família, quando há a habilidade de se colocar no lugar do outro e perceber que se TODOS temos direito a um ensino de qualidade, isso engloba também quem tem dificuldade não de acessar a escola, mas de ter contato com o conhecimento, pois as escolas não são somente os prédios, mas o ensino que as pessoas lá inseridas podem proporcionar para que a aprendizagem efetiva ocorra.

Sabe-se que cada pessoa é única, desta forma, independente de similaridade no diagnóstico, os alunos são diferentes, as famílias são diferentes, os históricos são diferentes e os contextos em que estão inseridos também. Esta singularidade também ocorre com as escolas e professores. Cada docente tem uma formação pessoal e profissional distinta, o que faz com que sua prática também seja diferente. Sendo assim, a cada sala que é atribuída a um docente, são novos desafios que lhe são confiados a superar. Obstáculos podem surgir, mas a criatividade, a ética e o profissionalismo devem ser maiores, para que a superação e os direitos à aprendizagem possam ser oferecidos.

REFERÊNCIAS

American Psychiatric Association. **Manual Diagnostico e Estatístico de Transtornos Mentais** - DSM-5. 5ª ed. Porto Alegre: Artmed. 2014.

BOSA, C. A. Autismo: intervenções psicoeducacionais. **Revista Brasileira de Psiquiatria.** São Paulo, 2013. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151644462006000500007&lng=pt&nrm=iso. Acessos em 03/02/2020.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular (**BNCC**). Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017.

BRASIL. **Constituição** da República Federativa do Brasil: promulgada em 5 de outubro de 1988.

BRUNONI, D; D'ANTINO, M. E. F; SCHWARTZMAN, J. S. **Contribuições para inclusão escolar de alunos com necessidades especiais:** Estudos interdisciplinares em educação e saúde em alunos com Transtorno do Espectro do Autismo no município de Barueri, SP**.** Programa de Educação Especial – PROEST. 2015.

FONSECA, M. E.; CIOLA, J. C. **Vejo e Aprendo:** Fundamentos do Programa TEACCH. O Ensino Estruturado para Pessoas com Autismo. 2° edição. Book Toy, 2016.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GIARDINETTO, A. R. S. B. Comparando a interação social de crianças autistas: as contribuições do programa TEACCH e do currículo funcional natural. **Dissertação** (Mestrado) – Universidade Federal de São Carlos, 2005. Disponível em: https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/3136. Acesso em: 21 abril de 2020.

MATOS, M. A. **Análise Funcional do Comportamento.** Rev. Estudos de Psicologia, PUC-Campinas, v. 16, n.3, p. 8-18, setembro/dezembro 1999. Disponível em: www.scielo.br/pdf/estpsi/v16n3/a02v16n3.pdf. Acesso em: 30 de abril de 2020.

MISKOLCI, R. Marcas da Diferença no Ensino Escolar. São Carlos, EdUFSCar, 2010.

SCHWARTZMAN, J. S.; ARAÚJO, C. A. (Orgs.). **Transtornos do Espectro do Autismo**. São Paulo: Memnon, 2011.